

NOMADISMOS E IMOBILISMOS: “Consumindo” conexões e desconexões no âmbito sócio educacional

Luciana Velloso¹

RESUMO: O presente texto se organiza através de uma teia de discussões bibliográficas, composta por autores que contribuem para articular as temáticas em pauta com argumentos levantados ao longo de obras de Zygmunt Bauman (1999, 2008, 2009, 2011, 2013). Discutimos questões como as permanências e rupturas que perpassam os espaços sociais, com foco nos educacionais, que ao mesmo tempo em que parecem cada vez mais nômades, fluidos e conectados, também coincidem com tantos outros nos quais modelos ainda muito atados a uma lógica semelhante à da escolarização jesuítica, que tantas heranças nos deixou. E neste mundo de tantas conexões, ainda há que se questionar as generalizações e os grupos que permanecem fora deste circuito, tendo seus corpos e mentes sendo docilizados e restringidos em suas oportunidades de acesso à rede de conhecimentos produzidos globalmente. Reforçamos o papel da Sociologia para docentes e discentes no exercício da imaginação sociológica (MILLS, 1959) como nos escritos de Bauman que nos auxiliam a ampliar nossas percepções para além de binarismos e generalizações, defendendo cada vez mais com Morin (2012 e 2011) a necessidade de se defender a religação dos saberes, em um constante estímulo ao estimular o pensamento complexo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociologia; Instituições Escolares; Redes digitais.

ABSTRACT: The present text its organized through a web of bibliographic discussions, that is composed by authors who contribute to articulate themes using arguments built by Zygmunt Bauman throughout his work (1999, 2008, 2009, 2011, 2013). We discuss questions as continuities and ruptures that permeates social spaces, focusing on the educational space. That space, while at the same time appears more and more nomadic, fluid and connected, also coincide with many others in which models are still very attached to a logic similar to that of Jesuit schooling, that so many legacies left us. And in this world of multiplus connections, it is still necessary to question the generalizations and the groups that remain outside this circuit, having their bodies and minds docilized and restricted in their opportunities to access the network of globally produced knowledge. We reinforce the role of Sociology for teachers and students in the exercise of sociological imagination (MILLS, 1959) such as in Bauman’s work. His writings help us to amplify our perceptions beyond binarisms and generalizations, defending with Morin (2011, 2012) the need to defend the reconnection of knowledges within a constant stimulus to stimulate complex thinking.

KEY-WORDS: Sociology; School Institutions; Digital networks.

INTRODUÇÃO

¹ Doutora em Educação pela Universidade. E-mail: lucianavss@gmail.com.

Estes escritos buscam discutir a importância dos pequenos movimentos de subversão das lógicas pré-estabelecidas de um contexto social composto por uma maquinaria escolar que ainda nos parece funcionar com tanto vigor. Zygmunt Bauman tem sido um destes autores que lançou luzes a possibilidades de, como Pierre Bourdieu, tornar sua Sociologia um “Esporte de Combate”², um combate que se trava no campo das ideias e das tentativas de compreender e explicar o complexo tecido social que nos envolve. Percebendo os movimentos de tensões e manutenções, de permanências e rupturas que o suposto mundo pós-moderno, fluido e incerto parece nos lançar. E justamente no terreno das incertezas, trazendo nossas discussões para o campo do uso de recursos tecnológicos e de novas sociabilidades na educação e no contexto de nossas interações sociais mais amplas, pretendemos seguir nos indagando e, talvez olhando para trás daqui a algum tempo, observando o movimento de grandes revoluções que já vivenciamos neste momento em que estas linhas são escritas³.

Em termos teórico-metodológicos, o texto se organiza através de uma teia de discussões bibliográficas, composta por autores que contribuem para articular a temática em pauta com argumentos levantados ao longo de obras de Zygmunt Bauman (1999, 2008, 2009, 2011, 2013).

Discutimos questões como as permanências e rupturas que perpassam os espaços sociais, com foco nos educacionais, que ao mesmo tempo em que parecem cada vez mais nômades, fluidos e conectados, também coincidem com tantos outros nos quais modelos ainda muito atados a uma lógica semelhante à da escolarização jesuítica, que tantas heranças nos deixou. E neste mundo de tantas conexões, ainda há que se questionar as generalizações e os grupos que permanecem fora deste circuito, imersos em escritos de Foucault (2009), tendo seus corpos e mentes sendo

² Neste documentário, o título se refere ao francês “La sociologie est en sport de combat”, dirigido por Pierre Carles (2001), que envolve o período entre 1998 e 2001 das atividades profissionais de Pierre Bourdieu. Concorde-se ou não com as ideias dele, a imagem que fica é de um intelectual sempre pronto para o combate, para levar suas ideias aos mais diferentes públicos e construir conhecimento a partir do diálogo, do contraste. Link para vídeo no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=41W3RapeK5Q> (Acessado em 07/01/2017)

³ Fonte: <http://www.contioutra.com/entrevista-zygmunt-bauman-e-possivel-que-ja-estejamos-em-plena-revolucao/> (Acessado em 09/02/2017)

docilizados e restringidos em suas oportunidades de acesso à rede de conhecimentos produzidos globalmente.

São pequenos movimentos de transgressão e rompimento destas normas que buscamos chamar atenção para aguçar nossa imaginação sociológica, nos dizeres de Mills (1959), ainda em meados do século passado, e que Bauman com suas análises sociológicas, soube desempenhar com tamanha maestria até nos deixar recentemente, ainda com tantas interrogações sobre nosso tão complexo século XXI.

O texto finaliza, ainda que provisoriamente, apresentando a importância de manter este olhar sociológico atento, sobretudo em tempos que parecem cada vez mais cercear nossa liberdade de se indagar sobre o mundo que nos cerca.

DISCUSSÕES TEÓRICAS

Como forma de fazer destes escritos uma homenagem a um autor que tanto ainda me instiga em suas reflexões, recorro a minhas memórias sobre meus primeiros encontros com a obra de Zygmunt Bauman.

Quando pela primeira vez me deparei com os escritos de Bauman, não poderia pressupor da importância que seu pensamento teria ao longo de minha formação. Para mim, era mais um dia em que caminhava por um de meus Universos, que como Borges (2007) e mais alguns definem as bibliotecas, em sua Babel de referenciais, capas, letras e imagens que nos convidavam a uma leitura, a promessa do infinito à qual levavam às prateleiras, por algum destes “acazos” (ou como queiram nomear) me levou até um livro em especial. Um dos tantos que eu viria, posteriormente, a adquirir no intuito de seguir os caminhos deixados por este autor.

Naquele contexto, estava imersa em leituras de Foucault (2009), mais especificamente a obra “Vigiar e Punir”. Michel Foucault e seus textos muito contribuíram e ainda fornecem subsídios para pensar o contexto em que se inserem estes/as alunos e alunas, que encontram-se reféns de instituições forjadas no bojo da Modernidade, com o intuito de docilizar corpos e “escamotear” as diferenças, estipulando padrões de normalidade nos quais as pessoas deveriam se enquadrar.

Foucault (2009) analisa os processos de punição que foram se produzindo historicamente, indicando que até mesmo o papel do julgamento pode ser hoje

matizado. Não é mais um ato solitário que se dá culpabilizando ou não outro indivíduo. Para este autor, em torno de processos de punições gravitam diversas instâncias e atores sociais, tais como: peritos psiquiátricos ou psicológicos, magistrados da aplicação das penas, educadores, funcionários da administração penitenciária fracionam o poder legal de punir.

Recordo-me que na ocasião de minha leitura de Foucault (2009), um conceito que muito me chamou atenção por sua potência e possibilidade de ressignificação para o contexto presente foi o conceito de “panóptico”. Por mais que nossos modelos educacionais e organizacionais em geral pareçam recentes, impressionaram-me as descrições feitas por Jeremy Bentham, com versão em português traduzido em 2008. Nos idos de 1787, Bentham elaborou a obra “O Panóptico” ou “A Casa de Inspeção”: contendo um novo princípio aplicável a qualquer sorte de estabelecimento, no qual pessoas de qualquer tipo necessitem ser mantidas sob inspeção. No caso, ele explicita as instituições às quais se refere: prisões, casas de indústria, casas para pobres, hospícios, hospitais, escolas, dentre outros que no julgamento do autor, necessitavam de um plano administrativo que contivesse toda uma proposta incluindo a organização do espaço físico para ter maior controle. Bentham (2008) elabora esta proposta única que fosse aplicável à todas estas instituições, indistintamente.

No correr das leituras, ia percebendo muitas semelhanças no que se refere à organização espacial proposta por Bentham (2008) em seu plano para as casas de inspeção penitenciária e o espaço físico de unidades educacionais pelas quais eu já havia passado. A ideia geral do autor envolvia a existência de um edifício circular; celas que ocupassem a circunferência; cada cela com uma pequena janela pouco larga; grades de ferro suficientemente finas para não subtrair qualquer parte da cela da visão do inspetor; um sino destinado aos propósitos de alarme que ficaria suspenso em um campanário, comunicando-se por meio de uma corda com o alojamento do inspetor, dentre outros elementos que, de diferentes modos, ainda permanecem muito presentes nas nossas escolas.

E foi num destes “acazos”, que me deparei com a obra de Bauman (1999), “Globalização: as consequências humanas”, que me fez folheá-lo e deter-me em uma das passagens nas quais o autor nos convida a visitar o conceito de Panóptico trazido por Bentham (2008) e Foucault (2009).

Na obra supracitada, Bauman (1999) traz uma outra análise do conceito, entendendo que nas sociedades pós-modernas em que vivemos, a ideia do panóptico pode ser ampliada no conceito de Sinóptico. Com este conceito, o autor reforça que para além da percepção local do panóptico, que pela imobilização buscava a vigilância dos atores sociais, impedindo-os de movimentos autônomos, contingentes e erráticos (BAUMAN, 1999, p.60). No Sinóptico os vigiados passam a ser os vigilantes e a inversão se dá, em grande medida, por meio da natureza global e que independe da distância ou da presença física.

O Sinóptico é seletivo e quando se trata de interatividade, Bauman (1999) adverte que a apregoada interatividade, supostamente dita como sendo de uso universal, é algo bem relativo. No caso dos meios de comunicação, até mesmo os que possuem acesso são autorizados a fazer opções dentro de um quadro já pré-estabelecido. Nesse sentido, muitos observam poucos e os poucos observados acabam tornando-se celebridades, em contraposição à ideia do panóptico, na qual poucos selecionados observavam muitos.

Estabelecendo um diálogo que Elliot e Urry (2010) fazem com Zygmunt Bauman, percebo que há muitos pontos em comum entre a noção de *liquidez* generalizada discutida por Bauman e a concepção das mobilidades. Embora sejam focos analíticos distintos, os autores trazem para o centro das suas análises esse caráter fluído do mundo contemporâneo em interface com a construção das identidades.

Bauman indica que é o grau de mobilidade, ou seja, é a liberdade para escolher onde estar, que estratifica seus membros (BAUMAN, 1999, p. 94). Isso equivale a afirmar que apesar da evolução tecnológica – seja no âmbito do transporte ou da informação –, a mobilidade física reflete e reforça as desigualdades sociais. O uso das diferentes tecnologias apresenta limites na medida em que ao mesmo tempo em que ela viabiliza a interação de pessoas instaladas nos mais diversos lugares do mundo, ela compromete os relacionamentos locais; ao mesmo tempo em que é possível ter contato com um número maior de pessoas, menos tempo é direcionado a cada uma, favorecendo a quantidade em detrimento da qualidade dos relacionamentos, favorecendo a frequência em detrimento da profundidade.

É o que Bauman (2009), atento aos aspectos questionáveis dos novos tipos de interações sociais, indica em sua obra “Vida Líquida”, referindo-se a esta como uma

vida em condições de incerteza constante. São constantes reinícios que dificultam a perspectiva de projetos de vida baseados em projeções de longo prazo.

Também Bauman (2011) em sua obra “44 cartas ao mundo líquido-moderno”, nos faz ter um olhar mais atento ao mundo moderno, no qual as relações de superficialidade e consumismo já atingiram os diversos níveis da nossa existência como trabalho, amizade e amoroso. O autor sinaliza de que modos esse consumismo também se manifesta no consumo de múltiplas informações e o quanto isso pode prejudicar elementos como o foco, a atenção e a capacidade de síntese, nos fazendo repensar as propostas educacionais tradicionais e sua viabilidade diante deste pano de fundo.

Segundo Bauman (2011), há uma necessidade e uma incessante busca por inovações, trazendo consigo informações incessantemente. Podemos observar diferentes faixas geracionais, sobretudo grupos mais jovens acessando vários dispositivos ao mesmo tempo e se vendo imersos em múltiplas tarefas. Se por um lado discutimos a possibilidade de nos tornarmos cada vez mais multitarefas, também há a outra via que faz com que frequentemente tenhamos níveis baixos de concentração, o que prejudica o desenvolvimento do foco, da atenção, necessários para o processo de educação. O autor nos indica que sem o desenvolvimento dessas habilidades não há como aprofundar um conhecimento, ter calma nas pesquisas e buscar resultados e também fica difícil não se sentir entediado pela desordem das múltiplas informações disponíveis.

Bauman (2011) acrescenta que apenas memorizar não é mais suficiente, pois atualmente temos ferramentas como o mecanismo de busca “Google”, que faz pesquisas e nos permite acessar a uma gama de conteúdos dos mais diversos. Dentro desse contexto, vai se tornando cada vez mais importante desenvolver um pensamento crítico que possa assimilar e fazer uso das informações que são de fato relevantes em nossas vidas diárias.

A partir do uso de aparelhos móveis como o celular, Bauman (2011) reconhece que este nos permite acessar a uma rede vasta de pessoas e conteúdos, estes últimos mais vastos do que geralmente conseguimos absorver e assimilar. Dessa liberdade máxima, que está relacionada a um excesso de informação que pode trazer à reboque um imenso sentimento de incertezas, diante de um mundo que nos parecia mais confortável quando acreditávamos ter muitas certezas. Com a proliferação das redes

de conexão digital, temos informações sobrepondo-se ou se apresentando como contraditórias, cabendo a diferentes mediações fazer este crivo e selecionar o que de fato será utilizado em nossas vidas.

Segundo Bauman (2011), há muitos fragmentos dispersos e diante deste cenário, vai se esvaindo nossa capacidade de contemplar questões a partir de um olhar mais amplo e que considere a dimensão do todo e das partes integradas a este todo de que são feitas.

Na terceira das cartas intituladas “O mundo é inóspito à educação?”, Bauman (2011) nos indica que a massa de conhecimento acumulado se tornou o epítome da desordem e do caos. Pois, para Bauman toda essa informação é impermeável, apesar de estar toda disponível, se esquivava de ser penetrada e digerida e assimilada. Os esforços para classificação de relevância temática foram tragados pelo acúmulo de informação, produzindo uma massa de conteúdos que tendem para a uniformização. O conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu nos auxilia nesta compreensão, pois são mecanismos sutis que fazem com que menosprezemos nossas expertises em detrimento do que é considerado socialmente relevante, mas nem sempre relevante em um nível mais individual.

Bourdieu e Passeron (1970) desenvolveram a “teoria da reprodução” baseada neste conceito de violência simbólica. Para os autores, toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição de um poder arbitrário. A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente. Para os filhos das classes trabalhadoras, a escola representa uma ruptura no que refere aos valores e saberes de sua prática, que são desprezados, ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, ou seja, necessitam aprender novos padrões ou modelos de cultura.

Dentro dessa lógica, nos parece natural que para os alunos oriundos de contextos mais favorecidos economicamente alcancem o sucesso escolar seja um processo menos tortuoso do que para aqueles que têm que desaprender suas culturas para aprender novos jeitos de pensar, falar, movimentar-se, enfim, enxergar o mundo. Nesse sentido, há uma lógica que se observa vinculando uma cidadania que se restringe a processos educacionais e atualmente cada vez mais, ao uso e produção de recursos audiovisuais. Estes apelos nos parecem cada vez mais fortes e incisivos.

Como sociólogo ativo no campo literário e também no das redes televisivas, Bauman fazia questão, assim como Bourdieu, de deixar seus depoimentos e interpretações acerca do que constatava.

Em um primeiro vídeo que pude analisar,⁴ fala-se de um dilema ente proteger os jovens da tecnologia ou usar a tecnologia para a educação. Segundo Bauman (2011), no atual estágio em que vivemos, a desvinculação da internet é impensável e sendo assim, se torna cada vez mais necessário aprendermos a convertê-la a nosso favor, com vistas a potencializar os processos de ensino e aprendizado.

Em outro momento, no vídeo, diz que a comunidade é um corpo real fora de nós ao qual pertencemos, mas a rede pertence a nós, podem-se eliminar coisas e pessoa da rede. Pode-se perder o interesse por ela e sair da rede. A comunidade nos dá um aceite, observa, pune. Já sobre a rede nós temos o controle. Mas os laços humanos se enfraquecem. Há uma falta de esforço e risco *online* que parece muito cômoda. Nesse contexto a educação que é um trabalho a longo prazo e, portanto, não apresenta resultados imediatos, fica rendida.

A rede é mantida viva por nós. É fácil se conectar e fácil se desconectar. Em entrevista concedida ao Projeto Fronteiras do Pensamento⁵, em 23 de julho de 2011⁶, Zygmunt Bauman comenta este aspecto da fluidez dos relacionamentos contemporâneos, narrando quando, certa vez um jovem o interpelou se gabando por ter feito mais de quinhentos amigos em um dia, por intermédio de sua rede social. Bauman se surpreendia, pois em toda sua vida, aos 86 anos, não tinha quinhentos amigos. Aproveita a conversa para discutir as diferentes concepções de amizade que permeavam a fala do jovem e a sua, discutindo a atual existência das redes de sociabilidade, que na sua juventude eram substituídas por laços e comunidades. Apresenta a distinção de que as comunidades nos precedem, pois nascemos nelas. Já as redes são feitas e desfeitas através das ações de conectar e desconectar. Bauman

⁴ Fonte: Vídeo Olho na escola - Especial Zygmunt Bauman - Jornal Futura - Canal Futura Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=TJG81PeSUBw> (Acessado em 01/02/2017)

⁵ O Projeto Fronteiras do Pensamento propõe uma profunda análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro, promovendo conferências internacionais e desenvolvendo conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação, abordando de forma interdisciplinar, o complexo panorama mundial. Mais informações em: <http://www.frenteiras.com/>

⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=1miAVUQhdwM> (Acessado em 02/10/2015)

prossegue indicando que o maior atrativo do que ele denomina “amizades de Facebook” é a facilidade de se desconectar, de romper os vínculos. Com isto acabamos entrando em um estado ambíguo solidão e multidão, de segurança e liberdade.

Embora costumeiramente surjam discursos entusiásticos que tratam das supostas inovações na esfera educacional e a necessidade de se incorporar tais recursos tecnológicos em suas práticas, ao nos debruçarmos sobre os escritos de Varela e Alvarez-Uria (1992) que tratam do que os autores denominam “Maquinaria Escolar”. A leitura destes escritos faz com que possamos encontrar muitos rastros de modelos de escolarização que foram se esboçar no século XVI, através de cinco instâncias fundamentais que para os autores permitiram o aparecimento da chamada escola nacional: a definição de um estatuto da infância; a emergência de um espaço específico destinado à educação das crianças; o aparecimento de um corpo de especialistas da infância dotados de tecnologias específicas e de "elaborados" códigos teóricos; a destruição de outros modos de educação e a institucionalização propriamente dita da escola. Do século XIX e a oficialização dos sistemas nacionais de ensino e ainda nos dias atuais, muitos destes elementos foram sendo reelaborados e mantidos com distintas matizes.

Ao nos determos na análise desta maquinaria mencionada por Varela e Alvarez-Uria (1992) que foi se constituindo o processo educacional, podemos obter uma perspectiva que historicista nosso modelo de escolarização pra gente ver o quanto estas propostas são arcaicas (mas assustadoramente ainda tão atuais para muitas instituições, em termos práticos), até hoje defendendo a bandeira da universalização e tentando homogeneizar as diferenças. Os autores se dedicam a analisar a *Ratio studiorum*, ou Plano e Organização de Estudos da Companhia de Jesus. Trata-se de uma espécie de coletânea, fundamentada em experiências vivenciadas no Colégio Romano, a que foram adicionadas observações pedagógicas de diversos outros colégios, cujo objetivo era instruir rapidamente todo o jesuíta docente sobre a natureza, a extensão e as obrigações do seu cargo. Com a coletânea, buscava-se unificar o procedimento pedagógico dos jesuítas diante da explosão do número de colégios confiados à Companhia de Jesus como base de uma expansão em sua totalidade missionária.

A *Ratio* regulamentava a ocupação do espaço e do tempo de forma tal que o aluno ficaria aprisionado numa quadrícula e dificilmente poderia questionar a separação por seções, os frequentes exercícios escritos, os distintos níveis de conteúdo, os prêmios, recompensas e certames aos quais se via submetido (VARELA e ALVAREZ-URIA, 1992).

Este processo abordado por Varela e Alvarez-Uria (1992) corrobora com o que Foucault (2009) explicitava ao se referir aos processos de docilização dos corpos de modo a torná-los “enquadrados” em determinadas lógicas sociais. E ao longo da história, as instituições escolares foram das instâncias de grande importância neste processo.

Até os dias de hoje, o modelo de educação “um para todos” não parece estar auxiliando no desenvolvimento das potencialidades daqueles/as que não conseguem se adaptar aos padrões e acabam se desenvolvendo de outras formas, para além da escola. Exemplos não faltam na história, desde Picasso, Einstein, Steve Jobs e mais recentemente o jovem programador estadunidense e ativista digital, Aaron Swartz, que acabou dando fim à própria vida, acusado pelo governo dos EUA de crime de invasão de computadores - sujeito ao cumprimento de até 35 anos de prisão mais multa de mais de um milhão de dólares - devido ao fato de ter usado formas não convencionais de acesso ao repositório e por descarregar sem pagamento, grandes volumes de artigos da revista científica JSTOR (acrônimo para *Journal Storage*) um sistema online de arquivamento de periódicos acadêmicos, sediado nos Estados Unidos, fundada em 1995. Até hoje o feito de Aaron é reconhecido e ao longo de sua jornada, teve que se conectar com milhares de pessoas que pensavam como ele por meio de listas de e-mails, ligações telefônicas e fóruns de internet, descobrindo o real poder da colaboração em massa⁷. Algo que não aprendeu por meio dos caminhos de instituições educacionais formais.

Assim como Aaron, cuja história de rebeldias contra o sistema escolar, a paixão pelos algoritmos e lutas políticas pela universalização do acesso ao mundo digital tão bem registrada no documentário “O Menino da Internet: A História de

⁷ Para ver mais sobre a história do jovem ativista digital, além do documentário, existem diversos artigos que narram seu percurso. Um deles está disponível em: <https://br.okfn.org/2015/09/08/aaron-swartz-contr-a-privatizacao-do-conhecimento/> (Acessado em 06/01/2017)

Aaron Swartz”⁸, quantos tantos anônimos vão sendo podados em suas habilidades por uma sociedade que busca tão vorazmente o lucro e a mercantilização padronizada dos saberes? Para além de pacotes de conteúdos e informações ofertadas de forma unívoca, Aaron lutava contra a privatização do conhecimento, afirmando que informação é poder. Swartz entendia que embora o patrimônio científico e cultural da humanidade venha sendo crescentemente digitalizado, seu acesso tem sido regulado por algumas corporações privadas que o vendem, a um preço por vezes muito caro, para uma minoria de privilegiados. E desde cedo, sua inquietação não cabia nos bancos escolares.

Seguindo um trajeto que nos parece mais coerente com o momento em que vivemos, para além da compartimentalização, padronização e monopólios dos conhecimentos, Edgar Morin nos ajuda a entender a necessidade de cada vez mais defendermos a religação dos saberes (2012) e estimular o pensamento complexo (2011), que como feito por Aaron Swartz, soube romper com o convencional e buscar soluções inovadoras e criativas para os problemas que se lhe colocavam, para além dos muros das escolas e universidades. Pensarmos que ao invés de compartimentalizar o conhecimento e apresenta-lo como um dado incontestável, estimula os educandos a estabelecerem conexões, a questionarem o mundo em que vivem e a ampliarem seu olhar sobre suas vidas cotidianas, pensando para além de suas rotinas e comportamentos reproduzidos acriticamente.

Nesta lógica que se processa no interior das escolas, por mais que reconheçamos e valorizemos práticas diferenciadas que já estão ocorrendo nos mais diversos espaços, onde docentes e discentes traduzem e ressignificam materiais didáticos ou avaliações externas que se lhes impõem, não podemos desconsiderar a relevância de estudos como os do sociólogo francês Pierre Bourdieu que em textos como “A reprodução” (1970), que já nos anos de 1970 denunciava o papel conservador de uma escola que se pretendia libertadora. Também em textos mais recentes como “A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura” (2007a) e “Os excluídos do interior” (2007b) as análises do autor nos auxiliam a perceber os intrincados mecanismos de perpetuação das desigualdades sociais que as instâncias escolares auxiliam a perpetuar, na medida em que não conseguem investir

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=84qdLAnhX5U> (Acessado em 03/01/2017)

nos pontos fortes de cada aluno/a e acabam por muitas vezes punir ou aferir juízos de valor negativos aos pontos menos fortes, homogeneizando e excluindo mesmo que de forma sutil, cada vez que avalia, compara e mensura resultados de contextos totalmente diversos.

Vale então questionar a ideia de que lápis e cadernos sejam as tecnologias mais utilizadas em um mundo cada vez mais multiletrado, que se move no mundo de multiletramentos e de linguagens cada vez mais líquidas (ROJO, 2013), no qual a alfabetização das crianças em grande medida se dá primeiro via tecnologias multimidiáticas. Estas novas possibilidades de criação e conexão parecem em dissonância com propostas de padronização e modelos únicos. São mundos paradoxais onde a imensa desconexão convive com uma verdadeira revolução digital que nos faz rever hábitos de leitura e escrita, lidando com a necessidade de aprendizagens radicalmente novas nas quais textos e hipertextos não se excluem, mas se complementem.

Pois se hoje em dia podemos, com alguns cliques, ter acesso a todo o legado de conhecimentos da humanidade a nosso dispor via Internet, questionamos sobre como potencializar este acesso de modo a considerar e valorizar as diferentes formas de aprender, não meramente como mais um recurso que faculte a padronização. Pois para além de dicotomias que não nos ajudam a entender este fenômeno complexo da comunicação, vale atentarmos tanto para os lados positivos das redes, que podem aproximar as pessoas, quanto para seus lados mais perversos, que nos ajudam a perceber que este acesso não se dá para todos/as de forma unívoca e que por mais que pensemos que navegamos em um mundo altamente conectado, ainda são grandes nossos abismos e fossos que separam aqueles que são, nos dizeres de García Canclini (2007), “diferentes, desiguais e desconectados”.

Estes diferentes níveis de conexão e a excessiva valorização de práticas educacionais ainda muito atadas a propostas como as da *Ratio* corroboram com o que discute Bauman (2008), que em “Vida para o consumo”, ao criticar o que denomina como a transformação de pessoas em mercadorias, ou a mercadorização de nossas vidas. Muito por influência de recursos audiovisuais e as imagens do que se deve “ter”, acabamos por desconsiderar elementos concernentes ao que diz respeito ao nosso “ser”. E tais processos vão se desvelando cada vez mais cedo, sem que as gerações mais velhas consigam ter controle sobre os impactos que esta

mercadorização precoce de modos de vida pode acarretar a nossas infâncias e juventudes.

A despeito das diferentes mediações (MARTÍN-BARBERO, 2003) que possam se exercer em torno do que é exibido, as tentativas de homogeneização permanecem lá, entre telas, sons e imagens. Sub-repticiamente se apropriando de corpos e mentalidades. Em suma, por mais que seja feita toda uma leitura e apropriação sobre o que é produzido, há toda uma tentativa de produção de uma hegemonia comunicacional do mercado na sociedade. Comunicação “convertida como mais eficaz motor de desengate e de inserção das culturas – étnicas, nacionais ou locais” (p.13).

Tendo em vista este processo de hegemonia que se busca construir e levando em conta que estas mediações se dão diferentemente entre os atores sociais, Bauman (1999), ao discutir as novas formas de nos deslocarmos nas sociedades contemporâneas, o que não necessariamente requer o deslocamento físico, nos alerta para a cautela que devemos ter ao utilizar o termo “nômades”, como se o mesmo pudesse ser aplicado indiscriminadamente. Conforme explicita o autor,

todas as pessoas podem de fato ser andarilhas, de fato ou em sonho – mas há de fato um abismo difícil de transpor entre as experiências que podem ter, respectivamente, os do alto e os de baixo da escala de liberdade (p.96).

Em suma, o uso do termo “nômade” implica o cuidado de evitarmos generalizações, pois uma vez que o termo atenua as profundas diferenças que separam os dois tipos de experiência pode tornar formal e superficial toda semelhança entre eles.

No livro “44 cartas do mundo líquido moderno”, Bauman (2011) nos apresenta textos do gênero carta que trazem mensagens de reflexão para os leitores a respeito de assuntos diversos do mundo atual: comportamento, política, economia, educação. A décima primeira carta do livro se intitula “Os gastos dos adolescentes” e apresenta fatos e argumentos sobre o comportamento consumista dos jovens, e conseqüentemente, os reflexos de suas atitudes na sociedade.

O comportamento consumista extremamente precoce acarreta em terríveis conseqüências em diversos aspectos da vida. Primeiramente, em relação às crianças,

a infância que existia há alguns anos atrás está sendo perdida; as crianças não se interessam mais em brincar nem em fazer atividades infantis preocupadas com suas roupas e sapatos que podem ser danificadas, elas não se interessam mais tanto por brinquedos, mas sim por tecnologias e objetos de grife. Isso mostra que o desejo real por trás de tudo é o *status* e a aceitação pelo grupo, ter um determinado objeto define quem é quem nos grupos sociais e se alguém não está nos padrões daquele grupo será excluído.

Uma das alternativas apresentadas por Bauman (2011) em sua carta seria afastar os jovens desse estímulo prejudicial da televisão e do meio social em que vivem, suprimindo suas necessidades afetivas e mostrando que o futuro desses jovens será o oposto da vida com os pais: eles terão que enfrentar muitas dificuldades ocasionadas pelas crises econômicas do país, como a alta taxa de desemprego e a dificuldade de manter um padrão de vida repleto de desejos econômicos que eles terão que sustentar sozinhos. Sozinhos e, paradoxalmente, numa multidão cada vez mais isolada em suas “bolhas” informacionais. Sendo assim, ainda há muito o que se fazer...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fazendo uma breve panorâmica sobre os esforços do já saudoso Zygmunt Bauman em seus textos e palestras, o sociólogo nos apresentava um cenário de multiplicidade de informações, dentro do qual nós educadores estamos inseridos, nos deparando com a urgência de encontrar novas formas de educar e novos objetivos para educação. Ele não se propôs a nos fornecer fórmulas, mas sim nos fazer questionar, dentro dos diversos espaços onde nos encontramos e com os recursos de que dispomos, sobre novas formas de educar dentro de um contexto moderno, e se recriar, conforme exige essa modernidade líquida a cada momento, acompanhando as mudanças do mundo, e orientando os alunos a pensarem criticamente e a não se perderem na dispersão das muitas tecnologias e informações. Ele diz que Sócrates encontrou sua própria forma de viver, que foi muito boa para ele, mas não devemos imitá-la. Devemos, sim, seguir seu exemplo: criar nossa própria forma de viver e, conseqüentemente, de educar e lidar com as contingências por nós vivenciadas.

Tudo isto em um momento político em que mais se faz necessário refletir sobre nossa sociedade, a partir de um viés tecnológico. Quantos discentes não foram às ruas em 2013 e até hoje guardam seus vídeos, assumindo-se como protagonistas e ativistas digitais? Eis um de nossos trunfos em tempos nos quais ainda se busca criar hegemonias comunicacionais e em torno do conhecimento. Em tempos em que temas como a proposta de Reforma no Ensino Médio vão ganhando cada vez mais terreno renunciando o espraçamento de disciplinas como Sociologia e Filosofia, concordo com Penna (2016), que ao discutir o texto de Wright Mills (1959), solicita que sociólogos não deixem a imaginação e a criatividade de lado, ao exercerem sua profissão, em favor de uma pretensa objetividade e neutralidade do trabalho científico.

Mills (1959) já recomendava que a Sociologia estivesse acessível à compreensão de grande público, mantendo uma sensibilidade que implica postura crítica e reflexiva do alunado diante da realidade. O autor apela para que sociólogos ou os discentes que se propuserem a fazer esta viagem, não deixem a imaginação e a criatividade de lado, ao exercerem sua profissão, em favor de uma pretensa objetividade e neutralidade do trabalho científico. Mills afirmava que a sociologia deveria ser compreensível ao grande público. Esta sua crítica fazia parte de seu argumento maior de que o intelectual deveria manter uma postura crítica e reflexiva diante da realidade, e assim tomar parte nos debates públicos de sua época. E como diz a canção, de “apesar de você há de ser outro dia”, é nisso que a gente precisa acreditar. E acreditar junto com a juventude que está chegando nos fortalece mais. Nos (des)imobiliza e conecta em torno de pontos em comum para um futuro que estamos construindo a cada dia.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Vida para o consumo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____. **Vida Líquida**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Zahar, 2011.

_____. **Sobre educação e juventude**: conversas com Ricardo Mazzeo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1970.

_____. A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos da educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007a, p. 39-64.

_____. ; CHAMPAGNE, Patrick. Os excluídos do interior. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (orgs.). **Escritos da educação**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2007b, p. 217-228.

ELLIOTT, A.; URRY, J. **Mobile Lives**. London: Routledge, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. 37 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. 4.ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **A religião dos saberes**: o desafio do século XXI. 10.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

PENNA, Fernando de Araujo. Programa 'Escola sem Partido': uma ameaça à educação emancipadora. In: **Narrativas do Rio de Janeiro nas Aulas de História**. Rio de Janeiro: MAUADX, 2016.

ROJO, ROXANE. **Escol@ conectada**: os multiletramentos e as TICs. São Paulo: Parábola, 2013.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria e Educação**. Porto Alegre: Pannonica, n. 6, 1992, p. 68-96.

MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1959